Artigo original
https://doi.org/ 10.54260/eb.v38i146.955
ESTUDOS BÍBLICOS

Da periferia pode vir algo de bom?

Dialogando com Mc 6,1-6

Can something good come from the periphery? Dialoguing with Mc 6,1-6

José Maria Ferreira de Oliveira* e Adriana Motta Gonzaga**

* Membro do Centro de Estudos Bíblicos do Rio de Janeiro. Graduado em Ciências Contábeis (Centro Universitário La Salle) e em Administração (Instituto Metodista Bennett).
barrocobp@gmail.com

** Mestre em Sistemas de Gestão (Universidade Federal Fluminense), Especialista em Sistemas de Gestão (Universidade Federal Fluminense).
gonzaga.dri@gmail.com

Recebido em: 01/06/2022
Aprovado em: 05/05/2023

Licença *Creative Commons*
CC BY-NC 4.0

Resumo

A decisão entre a vida e a morte está, em parte, nas mãos de uma pequena minoria dominante que se coloca acima de homens e de mulheres e, também, acima de Deus. Marcos anuncia a boa nova de Jesus que se encarna na história de uma gente esquecida e maltratada pelo sistema dominante de sua época. Sua moradia é a periferia da Galileia, sua cidadania é nazarena, sua profissão é a mesma da grande maioria de seu povo, trabalhador informal. É criado e educado no seio de sua família junto com seus irmãos e irmãs e é a partir de sua terra que inicia o seu ministério. Porém o seu anúncio incomodou a classe dos dirigentes que armou ardilosamente uma trama de perseguição a fim de prendê-lo e executá-lo. Observa-se que em nossas realidades há um projeto de aceleração para criar condições desiguais e, por vezes, desumanas. É nesse contexto que brotam as vozes na periferia da sociedade que reivindicam o direito e a justiça. A perícope do evangelho de Marcos embasa o tema profecia e política, encarnada no ministério de Jesus de Nazaré, traz à luz a intensidade simbólica presente nesses versículos.

Palavras-chave: Profecia. Periferia. Política. Desigualdade. Jesus de Nazaré.

Abstract

The decision between life and death is, in part, in the hands of a small dominant minority that places itself above men and women and, also, above God. Mark announces the good news of Jesus who is incarnated in the history of a people forgotten and mistreated by the dominant system of his time. His home is on the outskirts of Galilee, his citizenship is Nazarene, his profession is the same as the vast majority of his people, informal workers. He is raised and educated in the bosom of his family along with his brothers and sisters and it is from his homeland that he begins his ministry. However, his announcement disturbed the ruling class, who cunningly set up a persecution plot in order to arrest and execute him. It is observed that in our realities there is a project to accelerate the creation of unequal and, at times, inhumane conditions. It is in this context that the voices on the periphery of society that demand rights and justice emerge. The pericope of

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

the Gospel of Mark, based on the theme of prophecy and politics, embodied in the ministry of Jesus of Nazareth, brings to light the symbolic intensity present in these verses.

Keywords: Prophecy. Periphery. Policy. Inequality. Jesus of Nazareth

1 Introdução

Ao longo dos séculos, o sistema sociopolítico e econômico de cada região busca equilibrar as relações públicas e privadas a partir da habilidade dos detentores do poder em usar dos atributos da política para criar regras coletivas ou determinar normas de convivência social de forma a justificar a situação de desigualdade imposta à maioria, para que o poder seja exercido. Entretanto, essa mesma maioria que se submete às regras para conviver pacificamente e obter o mínimo de qualidade de vida dentro do sistema socioeconômico tende a se rebelar quando seus direitos e vida são afrontados, e as relações passam a ser conflituosas. Quando esse movimento cíclico de rebeldia contra a exploração e injustiça social acontece, os detentores do poder precisam novamente ver legitimados os preceitos que sustentam essa desigualdade do sistema, para que os pilares de sustentação não desabem.

Observa-se, então que através do estabelecimento de regras de contenção dos movimentos sociais, a ação política é o elemento fundamental de equilíbrio social, incitando, amansando ou extirpando os rebelados, prevendo e forjando novas regras de contenção ao longo da história, de modo a conduzir ou retornar à condição de homeostase do sistema como um todo. Cabe observar que a política é caprichosa e serve tanto a quem detém o poder quanto a quem o questiona, como é o caso do próprio Jesus Cristo ao enfrentar o sistema no qual estava inserido.

Os gregos tinham a política como esfera de realização do bem comum. Sob o ponto de vista aristotélico, o fundamento da palavra política está na palavra *polis* – cidade – e de forma mais ampla, a política tem como função administrar tudo aquilo que é de interesse comum aos cidadãos, ou seja, interesses públicos e não privados. Nesse sentido, para administrar a coisa pública é necessário estar acima dos interesses privados, e, por isso, a política pressupõe a existência de poder. Por sua vez, essa palavra 'poder' tem a mesma raiz que a palavra potência e ambas pressupõem a existência de desigualdade – aqueles que podem e os que não podem; aqueles que têm e aqueles que não têm; os que lideram e aqueles que se submetem, os que mandam e os que obedecem. O poder, sob suas diversas formas, se manifesta através da força, da autoridade e da capacidade de convencimento. Ele permeia todas as relações e, assim, é um elemento chave para que se compreenda uma família ou sociedade.

Reflita sobre a seguinte questão: Jesus de Nazaré não é destituído de família e muito menos de sua cidadania. Em sua vida pública sempre se coloca ao lado daqueles e daquelas que sobrevivem ao limite socioeconômico-político imposto aos cidadãos de sua época em detrimento aos detentores do poder. Seu discurso e sua prática subversiva passam a ser monitorados pela elite dominante judaica e romana. Jesus de Nazaré, o Cristo, Filho de Deus desenvolve seu ministério no íntimo das periferias do seu tempo (com os doentes, com os leprosos, com as mulheres, com os impuros, com os pecadores e afins) e, em contrapartida, as periferias ajudam o filho de Nazaré a compreender sua vida e sua missão. Jesus, um simples trabalhador informal, não se conformou com os preceitos da época em que viveu e rompeu com o sistema Judaico e Romano, opressores. Marcos rememora e convoca sua comunidade a mirar na vida e no testemunho de Jesus de Nazaré para que elas se convertam e se tornem portadora da boa nova de Jesus Cristo, Filho de Deus. Boa

Nova expressão da Justiça, da Solidariedade, da Casa Comum, do Cuidado do Outro e da Outra, de Pão para Todos, do Respeito. Boa Nova que vem do fim do mundo, cantada e celebrada nos morros, nos quintais e nos terreiros da vida.

A partir dessa perspectiva, este texto apresenta um caráter transdisciplinar em sua metodologia, com caráter qualitativo e exploratório, perpassando diversas áreas do conhecimento para embasar o argumento deste texto que versa sobre a figura de Jesus Cristo, como sendo um homem que, em seu tempo, diante das condições sócio-políticas de sua região, enfrentou a intolerância e o preconceito de grande parte de seus concidadãos quando, em idade adulta, promove uma ação política na tentativa de mudar o sistema vigente, a partir de um discurso contra a opressão dos dominantes e a favor da libertação dos oprimidos. Nesse sentido, como forma de delimitação do objeto, abordar-se-á a perícope do evangelho de Marcos (Mc 6,1-6). A escolha para a evocação do evangelho de Marcos se fundamenta por estar mais próximo do Jesus de Nazaré, filho de Maria e de José. A justificativa para tal discussão está a partir do cenário atual em que o discurso extremista ganha destaque e a distância entre pobres e ricos aumenta a cada dia.

2 A perícope de Marcos em evidência

> "Saindo dali, foi para a sua pátria e os seus discípulos o seguiram. Vindo o sábado, começou Ele a ensinar na sinagoga e numerosos ouvintes ficavam maravilhados, dizendo: 'De onde lhe vem tudo isto? E que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais milagres por suas mãos? Não é este o carpinteiro, o filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E as suas irmãs não estão aqui entre nós?' E estavam chocados por sua causa. E Jesus lhes dizia: 'Um profeta só é desprezado em sua pátria e em sua parentela e em sua casa'. E não podia realizar ali nenhum milagre a não ser algumas curas de enfermos, impondo-lhes as mãos. E admirou-se da incredulidade deles" (Mc 6,1-6).

A perícope do evangelho de Marcos, analisada neste texto, (provoca) chama atenção para o tema profecia e política, encarnada no ministério de Jesus de Nazareth, devido a intensidade de imagens e significações intensas presentes nesses versículos.

O relato de Mc 6,1-6 inicia-se tendo como ponto de partida três cenas decisivas, à vida e ao ministério de Jesus de Nazareth relatadas em Mc 5,1-43. A primeira delas está relacionada ao enfrentamento entre Jesus e o sistema sociopolítico e econômico forçado pelo império romano. Por trás da "legião" encontra-se uma prática de violência e morte imposta por Roma. A segunda cena relaciona-se diretamente com o sistema religioso de curas e de milagres apregoado, por um lado, e controlado, por outro. O sistema religioso imposto desde a segunda construção do templo sistematizado na reforma de Esdras e Neemias. A terceira cena está repleta de sinais e significados à vida e prática da comunidade seguidora: "E mandou que dessem de comer à menina" (Mc 5,43)

Ao recuar para o capítulo anterior nos acercamos de vários questionamentos que nos ajudam a ler a perícope em evidência (o texto) com maior atenção, ouvi-lo de dentro para fora a fim de desvelar os vários elementos simbólicos aí encontrados. A partir desta breve contextualização levantamos os seguintes pontos:

v. 1 – O texto nos relata que Jesus saindo dali foi para sua pátria; para alguns autores esse termo pode significar a sua terra de nascimento ou, mesmo, a sua própria casa. O que nos chama atenção é a questão colocada: "saindo dali". O texto não nos apresenta um lugar

específico, somente "dali" (de onde Jesus parte em direção à sua terra?). Fabris e Barbaglio (2014) dizem que esse texto de Marcos tem a função de fazer uma espécie de transição entre as curas milagrosas do capítulo anterior para uma nova seção que será marcada pela incompreensão, discriminação, dúvidas e desconfianças da pessoa de Jesus e de sua missão;

v. 2 – Novamente Jesus vai à sinagoga[1] e a cena descrita, aparentemente, evoca, numa leitura superficial, louvores à sabedoria e ao conhecimento de Jesus: "de onde vem tudo isso? E que sabedoria é essa que lhe foi dada? Entretanto, há uma repercussão na assembleia de profunda desconfiança e descaso em relação à pessoa de Jesus. Essa tensão é provocada nos ouvintes não propriamente pelo que Jesus revelava, mas sim, por quem. Acrescenta-se o fato de não encontrarem respostas para o que ainda não estava sendo revelado;

v. 3 – Chegamos ao ponto central da cena: a rejeição e a discriminação de Jesus tomam conta dela. Poderíamos perguntar: para Marcos por que essa memória é tão importante? Por que ela ocupa um lugar de destaque em seu escrito? Pikaza nos ajuda a descortinar o que está por baixo do texto e, também, nos alerta que de uma outra forma, a mesma situação é apresentada nos outros sinóticos (Mateus e Lucas)[2].

> Todo o cristianismo posterior depende de alguma forma deste «currículo» de Jesus, que aparece como artesão (trabalhador informal), não como professor, e também como descendente, aparentemente 'irregular', de uma mulher chamada Maria, no seio de uma família conhecida (e de pouco valor). Os dados do texto poderiam ser usados para desprezar Jesus (como aconteceu). Mas Marcos os entende como fonte de honra, segundo um processo de 'investimento' muito significativo (PIKAZA, 2012, p. 439).

É Pikasa que nos adverte (alerta) que a melhor tradução para o termo "τεχνών – *technón* – carpinteiro" seria "trabalhador informal", o que significa alguém que está em condição marginal da realidade de trabalho. Podemos levantar mais um ponto que é de muito interesse: Jesus aparece na perícope como filho e integrante de uma família que não tem a figura do pai como referência. Essa particularidade só a encontramos no texto de Marco. Jesus é descrito como filho de uma mulher, acompanhado de irmãs e irmãos. Todo esse conjunto do ambiente vital de Jesus abala a expectativa dos presentes na sinagoga. A presença de Jesus provocava nos ouvintes da sinagoga uma contradição entre o que Ele era e o que Ele fazia.

v. 4 – Jesus está atento à movimentação das pessoas, às suas reações; o texto nos propõe que Jesus não se deixa contaminar pelo ambiente que tinha a intenção de diminuir e desprezar o seu ministério, a sua atividade pública de se colocar junto às periferias existenciais, econômicas políticas e religiosas, resultado da complexidade do sistema socioeconômico, político e religioso que regulamentava as relações socioambientais na complexa região da Galileia. "A submissão asmoneia dos galileus e dos

[1] Da "sinagoga" na Galileia, antes da destruição do templo em Jerusalém, não se sabe quase nada. No tocante ao edifício, a "sinagoga" foi, durante este período na Galileia, simplesmente o que a própria palavra significa: um local para qualquer assembleia geral (VAAGE, 1996).

[2] Encontramos em Mt 13,53-55 semelhante relato e em Lc 4,22 somente a pergunta: "Não é este o carpinteiro"? Essa pergunta é comum nas três narrativas sinóticas.

idumeus ao estado-templo de Jerusalém e às 'leis dos judeus' não significa que eles estavam integrados no ethnos (nação/povo) judaico" (HORSLEY, 2000, p. 33).

A resposta de Jesus à incapacidade do acolhimento e, também, à atitude hipócrita dos ouvintes em querer definir ou resguardar o prestigio de Deus em benefício dos próprios interesses é dada em forma de dito popular que evoca para si a tradição profética que se concretiza em sua vida e ministério (REIMER, 2012)

v. 5 – Se um profeta só é desprezado em sua própria pátria, Jesus estava impossibilitado de realizar qualquer milagre naquela região. É o momento de nos perguntarmos: por quê? Os milagres não são ações espetaculares e nem demonstração de poder para um grupo de curiosos. O relato de milagres tem a função de servir de sinais que indicam a chegada do Reino de Deus, realidade rejeitada pela sua parentela e compatriotas (FABRIS; BARBAGLIO, 2014) De certa forma, Jesus frustra a esperança messiânica dessa gente, pois Ele se constitui e se apresenta inversamente à imagem de um messias poderoso e concebido militarmente para protagonizar a guerra contra a ocupação Romana.

v. 6 – O desfecho da perícope é tomada pela evidenciação da incredulidade. Não era possível outra conclusão; pois o texto está organizado de tal forma que o discípulo, ao ouvi-lo, seja interpelado na sua fé, "porque não se pode falar de milagre sem ela, pois o milagre é sempre uma resposta e ao mesmo tempo um apelo à fé" (FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 486).

Não podemos esquecer que a perícope de Marcos, apresentada de forma incisiva, tem a função didática de ajudar o ouvinte a discernir que para encontrar Deus encarnado nas realidades de misérias é necessário transgredir os limites dos gestos espetaculares do culto, das amarras sociais de poder, da centralização política e econômica do templo-estado e da sedução do império; comportamento inverso das pessoas que rejeitaram a boa-nova de Jesus na sinagoga de NazarÉ.

Aproximar-se do texto com maior cuidado, a fim de buscar as vozes que estão por trás nos leva, nesse momento a fazer a seguinte pergunta: Por que esse relato de Marcos tem uma ressignificação importante (é uma fonte de honra) para o diálogo entre profecia (bíblia) e política e, em particular, Jesus de Nazaré e a política? É necessário que façamos essa pergunta, pois o fato narrado não é revestido de honra, ao contrário é descaradamente preconceituoso, repleto de desprezo à pessoa de Jesus de Nazaré.

2.1 "Um profeta só é desprezado..."

O evangelho de Marcos é aberto dizendo que Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no rio Jordão (Mc 1,9). Barbaglio (2011) contextualiza que o lugar de nascimento de Jesus parece historicamente menos problemático, mesmo que outra tradição sinótica aponte para outro lugar. Jesus é filho de Nazaré da Galileia, terra desprezada e sem qualquer valor social; exceto quando se tratava da cobrança do dízimo (imposto) pela estrutura econômica e política do estado-templo de Jerusalém (HORSLEY, 2000).

O contexto social de Jesus desapontava qualquer expectativa messiânica da época, pois no inconsciente coletivo popular e, também, do poder estrutural o messias esperado era constituído de poder e glória. Essa tensão percorrerá todo evangelho de Marcos, Xavier

Alegre nos recorda que "Marcos é a correção de uma ideologia triunfalista" (ALEGRE, 2006, p. 40).

Mesmo diante dos limites, aparentemente, constituídos na narrativa apresentamos três chaves de leitura que julgamos fundamentais no processo de escuta com o intuito de libertar o texto das amarras da interpretação superficial da narrativa e do seu contexto.

1. Jesus e sua cidadania – "a cidadania se constrói com a convivência" (Paulo Freire). É muito importante as informações a respeito de Jesus conservadas na tradição marcana: "sua pátria", "vindo o sábado", "ensinar na sinagoga", "não é este o carpinteiro", "filho de Maria" e "irmão de..." Jesus é plenamente um cidadão que constrói sua identidade humana e social convivendo plenamente da vida do povo, de sua gente, do seu clã e de sua aldeia. Conhece seus costumes, dialoga com cos as realidades que envolvem a dinâmica do viver e da vida em suas diferentes expressões. Frequenta o lugar de organização social e política e conhece como funciona a assembleia popular. Vive economicamente do esforço diário da busca por trabalho, já que era um trabalhador informal. Está inserido no convívio familiar de sua mãe, de seus irmãos e irmãs; as pessoas conhecem seus familiares. Marcos apresenta Jesus em sua verdadeira identidade humana e social; para ele Jesus tem cheiro do seu povo, não tem vergonha de ser identificado como filho da periferia da Galileia. Marcos nos ajuda entender que a universalidade de Jesus se dá em sua humanidade e não em sua deificação.

2. A profecia e Jesus, Jesus profeta – "um profeta só é desprezado". Uma outra particularidade presente no texto: Jesus assume para si a identidade profética, ele se vê e auto se compreende como profeta. Precisamos rememorar o período dos dois reinos em Israel (reino do Norte e reino do Sul) para lembrarmos que a Galileia do tempo de Jesus, no passado, estava situada geograficamente no reino do Norte. A Galileia, antigo território do reino do Norte, foi berço do movimento profético, Elias, Eliseu, Amós, Oséias, Jonas exerceram sua atividade popular profética nessa região. Região que, também, testemunhou o período áureo da profecia popular. "Outro fato que impressiona na profecia do século VIII é o crescimento no curto espaço de meio século, quatro profetas de tamanha grandeza: Amós, Oséias, Isaías e Miquéias". Período considerado a era de ouro (séc. VIII) da problemática social, política e religiosa (SICRE DÍAZ, 1998, p. 251).

Não deveríamos nos sentir surpreendidos pelo texto quando Jesus auto se coloca no mesmo nível dos profetas. Para entender atuação profética de Jesus é necessário fazer o recuo histórico para identificarmos qual identidade profética Jesus de Nazaré assumiu em seu ministério.

3. Jesus e os milagres – "E não pode realizar ali nenhum milagre..." O milagre não é demonstração de poder, muito menos uma ação mágica que muda o curso da vida com um estalar de dedos. O milagre funciona como sinal convocatório para uma nova ordem social, econômica, política e religiosa. A atitude que se espera com a realização do milagre é a inversão do comportamento ético (que comumente é chamada de conversão) que se testemunha na profunda mudança da prática opressora para a prática libertadora. Jesus de Nazaré aponta que é necessário a disposição de rompimento com as estruturas socioeconômica, política e religiosa que mantém as pessoas submetidas às estruturas autoritárias (alienadoras e opressoras).

2.2 Enfrentar a legião é dar nome ao demônio

Anteriormente chamamos a atenção para os três relatos que se encontram na seção de Mc 5,1-43. Eles nos ajudam a entender o comportamento dos ouvintes na sinagoga de Nazaré (Mc 6,1-5). Priorizaremos a cena que tem como centro da narrativa o homem que vivia no cemitério possuído por um espírito impuro (Mc 5,1-20).

A narrativa é marcada pela riqueza de imagens e detalhes; dá a impressão de um combate que se trava numa região específica (região dos gerasenos), para saber ao final quem vencerá a batalha é necessário prestar atenção nas particularidades da narrativa. O componente da cena "quem tem mais poder" é descrito pela força do homem, "ninguém podia dominá-lo", não bastante essa informação, o texto diz que muitas vezes o prenderam com grilhões e algemas, porém, não suficientes, porque as estraçalhava. O que é muito curioso é que a força atribuída a ele não resistirá a presença de uma pessoa, porque ao vê-la de longe corre em direção a ela, não resiste e lhe pergunta: "que queres de mim"?

O texto carrega outras imagens que são destacadas no desenrolar da narrativa, é importante não descuidarmos dos detalhes, eles não estão dispostos na cena aleatoriamente, há uma lógica minuciosa na narrativa. O texto é costurado nas entrelinhas e, são elas que nos ajudaram em sua compreensão.

O primeiro aparece quando é dito que eles chegaram do outro lado do mar [...] região dos gerasenos (v. 1). Ir em direção ao mar, aproximar-se do mar, atravessar o mar de um lado para o outro é constante no evangelho de Marcos o que dá a entender que o mar funciona como um espaço simbólico e, nesse caso, uma região pagã, do espaço socioambiental do mundo gentilício. "Pode ser que a indicação de Marcos se destinasse simplesmente a estabelecer 'o outro lado do mar' como espaço sociossimbólico gentílico" (MYERS, 1992, p. 237)

Dois outros elementos simbólicos e fundamentais na narrativa referem-se à moradia desse homem (no meio das sepulturas) e à presença de porcos na cena. É nítido que Jesus para realizar sua ação terá que superar os limites do código cultural Judaico, pois cemitério e porcos eram sinais de impureza. É a vida que determina a urgência do agir de Jesus em relação ao endemoninhado. Nenhum código de pureza ou impureza sobrepõe ao processo de libertação que está em curso.

> Os elementos do ambiente contribuem para seu caráter indiscutivelmente gentílico. A habitação do endemoninhado entre as sepulturas e a presença e o papel dos porcos simbolizam impureza de acordo com o código cultural judaico (sepulcros e suínos de fato se acham relacionados entre si em Is 65,4s) (MYERS, 1992, p. 237).

Porém, para que esse processo acontecesse plenamente era necessário extrair da boca desse homem o nome do demônio que o atormenta que ele revela sendo 'legião' porque são muitos. O tormento desse homem sintetiza a doença sociopolítica que a cidade e o império romano impunham sobre as pessoas. A legião representa a ocupação militar da região e a imposição da força como prerrogativa da manutenção da paz na região (*pax* romana). "À luz disso, a escolha de Marcos da 'região dos gerasenos' como local do confronto simbólico com as 'legiões' assume sentido novo e especificamente político" (MYERS, 1992, p. 238).

A figura desse homem aparece ameaçada e, também, ameaçadora. Em primeiro lugar se apresenta como fruto da violência do sistema político por isso faz da imagem da morte (cemitério) sua morada. Sua atitude de se ferir com pedras nos ajuda a entender que

existe um sistema circular de violência da cidade que ao atingi-lo também, o faz atingir a outros. Em segundo lugar a violência desse homem é o resultado da política romana (PIKASA, 2010, p. 356).

C. Myers nos ajuda a perceber que o termo rebanho usado nessa narrativa é inadequado, pois porcos não costumam andar em grupos, porém era o termo muitas vezes usado, na época, para designar um bando de recrutas militares. Auxilia-nos, também, no discernimento do termo "ele os dispensou" (*epetrepsen*) onde ele tem um contexto de ordem militar e que o mergulho (*ormesen*) no lago tem o sentido de tropas correndo para a batalha (MYERS, 1992, p. 238).

Posto isto Marcos propositadamente escolhe essa região como lugar de confronto entre Jesus e a legião para suscitar no ouvinte (e no leitor) a descoberta do caráter político que a cena imprime. É uma característica da literatura marcana apresentar situações semelhantes em contextos diferentes, ora no ambiente judaico, ora no ambiente gentilício. Em Mc 1,21-28 é narrado a expulsão de um espírito impuro de um homem que se encontrava na sinagoga; ambiente judaico. O enfrentamento em Gerasa tem o objetivo de comunicar a outra força de poder que mantém o povo sob dominação. De um lado o poder do estado-religioso (Mc 1,21-28) representado pelo Templo e do outro (Mc 5,1-43) o Império Romano com todas as legiões.

Os relatos sobre demônios, possessões, espíritos impuros no evangelho de Marcos tem a função de comunicar a rejeição política do sistema opressor de Jerusalém e de Roma. É por isso que Marcos apresenta que o homem liberto é o mesmo que fora oprimido pelas forças da legião e assegura ao ouvinte que essas forças não são ocultas, tampouco forças de seres invisíveis, de natureza diferente a de Deus ou a do Ser Humano. Por trás desses relatos "existe profecia", eles funcionam como denúncia socioambiental e de anúncio de novidade revolucionária da boa nova de Jesus.

> [..] o poder demoníaco tem sua raiz mais perigosa e secreta, sua zona privilegiada de manifestação, no âmbito da liberdade humana que está disposta, para a defesa de seu privilégio de poder, a negociar sobre a dignidade e integridade do outro homem. Mas naquele ambiente [...] Jesus deixa um sinal vivente, uma testemunha do poder libertador de Deus (FABRIS, 2014, p. 473).

A rejeição de Jesus na sinagoga é a demonstração da subserviência dos ouvintes aos poderes políticos e econômicos, pois para manterem seus interesses expulsam Jesus de sua região. O homem liberto das amarras e recuperado em sua dignidade vale nada diante do grupo que é tem como objetivo proteger somente seus interesses políticos e econômicos, consequentemente "a terra não pode mais suportar todas as suas palavras" (Am 7,10).

2.3 A manutenção da condição (des) humana na contemporaneidade

Os textos analisados estão carregados de simbolismo e neles percebem-se vários confrontos travados por Jesus no exercício da sua missão. Era constante o rompimento com a lógica imposta pela conjuntura socioeconômica, política e religiosa de seu tempo; romper com essa lógica significa se colocar junto às sobras existenciais produzidas pelo sistema opressor. Jesus experiencia em sua carne a mesma crueldade imposta à carne das gentes, empurradas vilmente para a invisibilidade social e econômica.

Entretanto, mesmo após o seu anúncio, a sociedade dominante não se rende ao apelo da igualdade, coletividade, liberdade e solidariedade. Muito pelo contrário, foram

necessárias novas políticas de docilização dos corpos – em referência a Michel Foucault - , como forma de manutenção do *status quo* pela elite dominante. Esse movimento é constante e cíclico e se reinventa toda vez que surgem das periferias as vozes que reivindicam os direitos dos humanos.

A cada movimento fora da curva do planejamento estratégico feito pela elite dominante, são feitos novos ajustes nas políticas de adestramento e alienação nas comunidades periféricas, culminando, muitas vezes, em novos modelos de sistemas econômicos e sociais, como aconteceu durante a transição do sistema feudal para o sistema capitalista ao longo do século XIX.

Muitas revoltas camponesas se verificaram ao longo dos séculos anteriores até a consolidação do novo modelo de exploração capitalista. De acordo com os novos interesses e ambições daqueles que dominavam economicamente aquele cenário, as organizações familiares nas aldeias em torno da exploração da terra deveriam ser desconstruídas (pois no campo, o pai era o patrão dos filhos) para melhor serem exploradas (nas cidades, o patrão era o detentor do grande capital).

As aldeias campesinas tornaram-se um empecilho para os governantes enquanto as cidades demandavam mão de obra para trabalharem nas fábricas. Observa-se o crescimento das cidades e a destruição das aldeias do campo como dois eventos fundamentais para o estabelecimento da nova ordem. O antigo ordenamento não fora esquecido, mas sim, reprogramado. "Assim como a aldeia foi idealizada como comunidade, a família estável, na qual as novas gerações iam assumindo seus lugares na ordem ditadas pelos costumes, foi idealizada como a sede da virtude" (SENNETT. 2016, p. 73). A partir da desconstrução das comunidades campesinas, deu-se o início a uma discreta perda de identidade. A partir daí inicia-se os tempos modernos, sendo a família o núcleo determinante não somente para exploração, mas também para a manipulação.

Como nova forma de alienação e restauração da autoridade, o pai protetor e patrão de seus filhos, passou a ser *superposta à imagem do patrão*, isto é, *o patrão era um pai.* O patriarcado configura-se como paternalismo e fundamenta todo o sistema, ocultando a dominação e exploração vigentes e permitindo que a organização material se tornasse mais fluida - "essa metáfora paternalista foi usada de maneira generalizada na nova economia, encobrindo a dura realidade material de que os patrões eram tudo, menos líderes que apoiassem, protegessem e amassem seus empregados" (SENNETT, 2016, p. 74).

A desvalorização humana empreendida pelo mercado estabelece seu poderio a partir do dinheiro e esse poder se estende em dois sistemas diversos, mas, que se complementam: o sistema político e o sistema econômico. O primeiro se organiza para estabelecer as políticas públicas e o segundo busca se organizar para garantir o poder privado. Ao analisar as consequências da inter-relação e organização entre esses dois sistemas, Chomsky (2021) observa a indução de uma mentalidade autoritária em parte da população "que se vê sujeita a decretos arbitrários vindos de cima". Essas pessoas acabam por disseminar a cultura da obediência a algo ou alguém que se intitula autoridade, e ao consentimento de determinados preceitos, mesmo que sejam arbitrários. A partir daí as instituições passam a funcionar de forma a garantir que a classe dominante se conserve no poder.

É perceptível que o que mais importa para os detentores do poder é manter o sistema em funcionamento e, assim, o deus de ouro dos dominadores continua a vencer o deus dos dominados. As mudanças nas formas de exploração capitalista em busca de maiores lucros dependem dos movimentos da sociedade, que carece de monitoramento. Assim como no passado, mas usando de tecnologia moderna, o monitoramento é feito reagrupando seus arautos e profetas e reinserindo-os ardilosamente nas periferias, como forma

de vigilância, pois a viabilidade do capitalismo depende da capacidade de se ocultar e dominar as informações cruciais, como bem observa Foucault (1997), quando analisa o Panóptico de Bentham e corrobora com a ideia dessa necessidade de constante manutenção da ordem através, dentre outras formas, do domínio da informação. A maior máquina de informação na atualidade são as redes sociais e, mesmo tendo falecido antes da disseminação da internet pelo planeta, Foucault nunca foi tão presente ao passar a ideia de que a sociedade moderna é vista, mas não vê o que realmente é para ser visto. Foucault (1997, p. 194) enfatiza que "*a visibilidade é uma armadilha*".

> Um indivíduo qualquer, quase tomado ao acaso, pode fazer funcionar a máquina: na falta do diretor, sua família, os que o cercam, seus amigos, suas visitas, até seus criados (apud BENTHAM, p. 45). do mesmo modo que é indiferente o motivo que o anima: a curiosidade de um indiscreto, a malícia e uma criança, o apetite de saber de um filósofo que quer percorrer esse museu da natureza humana, ou a maldade daqueles que têm prazer em punir (FOUCAULT, 1997, p. 196).

Esse mesmo autor complementa dizendo que, um dos aspectos interessantes do Panóptico está na possibilidade de ser utilizado para se "*fazer experiências, modificar o comportamento, treinar ou retreinar os indivíduos*" (FOUCAULT, 1997, p. 197). Dessa forma, aqueles que se rebelam contra o sistema, sejam ou não, da periferia, são monitorados e, se for preciso, expulsos, encarcerados e/ou eliminados, assim como foi feito com Jesus de Nazaré.

Cabe ressaltar a necessidade de se preservar o distanciamento social no capitalismo. As vozes da periferia precisam ser distraídas ou contidas, trabalho esse feito pelas legiões que habitam o espaço digital. Interessante perceber que essas legiões são as mesmas que endemonizam os políticos para que os direitos das periferias sejam corrompidos pelo mercado. Ao invés de lutarem pelos seus direitos, a periferia aceita a sedução da internet e, em sua maioria, as pessoas cantam a canção escolhida pelo algoritmo. Dessa forma, os sistemas se retroalimentam e se preservam até o surgimento das vozes que questionam os paradigmas vigentes. A base de sustentação ainda se encontra no patriarcado, na individualidade, no racismo, na intolerância e na desigualdade. O colapso do humanismo é a morte de sua Divindade.

> De acordo com as teologias políticas progressistas, Deus está envolvido na história dos povos oprimidos e nas lutas de libertação. No caso das teologias cristãs, a história de Jesus mostra como Deus se torna pobre e desprovido de poder para que os oprimidos se possam libertar a si próprios da pobreza e da impotência. A ressurreição de Jesus é apenas uma metáfora para a liberdade de lutar contra a opressão (SANTOS, 2014, p. 115).

O mecanismo de contenção e eliminação vem sendo aperfeiçoado ao longo dos séculos e tornou as elites dominantes cada vez mais poderosas e intocáveis, capazes de arrastarem multidões de pobres e desvalidos ao mais cruel dos abismos. A era da digitalização inaugurou uma nova forma de exploração e comercialização da vida humana, tendo como forma primordial de controle o *panóptico digital*, citado por Byung-Chul Han. O ser humano, em sua totalidade – não um gênero específico, nem a cor da pele, nem a classe a qual pertence, sua religião ou o local onde vive - passa a ser medido pelo seu *customer-lifetime-value*, que numa tradução ao pé da letra significa o valor do tempo de vida do consumidor, ou segundo o Instituto de Especialização em Vendas (2022): é a média de

receita que uma empresa pode receber de um cliente enquanto ele se mantém como um comprador ativo. A banalização e a exploração do ser humano chega, nos dias de hoje à sua forma mais degenerada, tornando quase impossível não ser invadido pela legião que entra em nossas casas através da mídia.

Para Han (2016, p. 41), "O hipercapitalismo atual desfaz a existência humana completamente em uma rede de relações comerciais. Hoje já não há mais âmbito da vida que se priva da utilização comercial", e alerta: "A conexão digital torna possível a avaliação e a iluminação totais de uma pessoa" (HAN, 2016, p. 45). Não mais a virtude, a família nem o Estado. O "novo" deus determina que a dignidade humana seja medida através da avaliação algorítmica. Urge o enfrentamento das novas legiões. Será o algoritmo o novo demônio? Ou o novo deus? Será possível a Jesus realizar algum milagre na sociedade atual, cujas lideranças operam a partir de um impulso de morte? Pelo que pregava Jesus? Justiça? Liberdade? Identidade? A conclusão de Han é parte da resposta: "Para essa totalização da liberdade, pagamos um preço hoje: falta de orientação, de conexão. Não temos nada que se opõe, nenhum outro. Cada um opõe apenas a si mesmo" (HAN, 2016, p. 184).

3 Considerações finais

Somos invadidos, na atualidade, pelo cinismo social que tem o objetivo de nos manter numa espiritualidade de dependência e de subordinação. Tal prática penetra a nossa existência de forma líquida e gaseificada pelo discurso avassalador de "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos", discurso mantido pela permanente construção e disseminação de espiritualidades alienantes e alienadoras verdadeiras teias que se comunicam e se sustentam a partir da práxis da indiferença social, do ódio coletivo, da intolerância que se desdobra no culto à morte.

Esse trabalho nos ajudou a repensar a nossa permanente itinerância no seguimento de Jesus de Nazaré. Convidamos o leitor e a leitora entrar no ambiente mais profundo das periferias brasileiras e se desafiar a encontrar nelas o eco da "boa nova' de Jesus Nazaré. Não é mais possível a boca confessar a fé em Jesus e ao mesmo tempo se acomodar às inúmeras justificativas de morte provocadas pelo falso discurso de 'Deus'. Não é mais possível dizer que vivemos em um país predominantemente cristão sendo que as pessoas estão morrendo por falta de pão. Não é mais possível justificar tanta desigualdade em nome de Deus. Não é mais possível proclamar a fé no 'Cristo' apartado do 'Nazareno'. Não é mais possível cultuar o poder, do mercado, do dinheiro, da indiferença transvestido de Jesus Cristo.

Enfim, é necessário voltar à sinagoga de Nazaré e nos ajudarmos a repensar o nosso discipulado a fim de discernirmos a identidade de Jesus que ecoa em nossa fé. É urgente refazer esse caminho de volta para reencontrar o homem Jesus, de Nazaré, consciente da sua condição cidadã, consciente das realidades que reverberam em sua vida e na vida do povo. Revisitar a sinagoga de Nazaré e deixar-se incomodar com as perguntas: "De Nazaré pode sair algo de bom"? (Jo 1,46) Das periferias de nossas existências pode sair algo de bom?

Referências

ALEGRE, Xavier *Marcos:* a correção de uma ideologia triunfalista. Scharlau: CEBI, 2005.

BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, hebreu da Galileia:* pesquisa histórica. São Paulo: Paulinas, 2011.

BIBLIA de Jerusalém. 17. ed, São Paulo, Paulus, 2017.

CHOMSKY, Noam. *O governo no futuro.* 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2021.

FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe. *Os evangelhos (I).* São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir:* nascimento da prisão. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

INSTITUTO DE ESPECIALIZAÇÃO EM VENDAS. *O que é Customer Lifetime Value? Como é calculado?* Disponível em: https://iev.com.br/conteudo/vendas/customer-lifetime-value/. Acesso em: 29 maio 2022.

HAN, Byung-Chul. *Capitalismo e impulso de morte:* ensaios e entrevistas. Petrópolis: Vozes, 2021.

HORSLEY, Richard. *Arqueologia, história e sociedade na Galileia:* o contexto social de Jesus e dos Rabis. São Paulo: Paulus, 2000.

MYERS, Ched. *O evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

PIKAZA, Xabier Ibarrondo. *Evangelio de Marcos.* La Buena Noticia de Jesús, Estella; Verbo Divino, 2012.

REIMER, Ivoni Richter. *Compaixão, cruz e esperança:* teologia de Marcos, São Paulo, Paulinas, 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos***.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SENNETT, Richard. *Autoridade.* Rio de Janeiro: Ed. Record, 2016.

SICRE DÍAZ, José Luis. *Profetismo em Israel*: el profeta, los profetas, el mensaje, Navarra, Editorial Verbo Divino, 1998.

VAAGE, Leif. El cristianismo galileo y el evangelio radical de Q. *RIBLA – Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana,* Quito, n. 22, p. 81-103, 1996.